

A INFLUÊNCIA PATRIARCAL SOBRE O SILENCIAMENTO INFANTIL: ANÁLISE DAS VONTADES DE RAQUEL, PERSONAGEM DE “A BOLSA AMARELA” (1976), DE LYGIA BOJUNGA

Ivan Ricardo de Melo, Mestrando do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná- Unespar- *Campus* de Campo Mourão
Lorena Yasmim Rogaleski, Graduanda em Letras – Português e Inglês pela Universidade Estadual do Paraná - Unespar - *Campus* de Campo Mourão
Mayara Karoline Rogaleski, Mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná- Unespar- *Campus* de Campo Mourão

Introdução

A obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, teve sua primeira edição publicada em 1976. Neste período, o Brasil passava por um momento histórico extremamente conflituoso, referente à Ditadura militar (1964-1985). A partir desta sua terceira obra literária, Bojunga conquistou uma diversidade de premiações, ao se destacar pela autoria de obras questionadoras de padrões conservadores estabelecidos nessa década (Souza, 2019), pertencentes ao realismo mágico, ou seja, neles a autora faz uso de elementos fantasiosos e metafóricos para problematizar as mais diversas questões sociais.

Nesse sentido, em *A bolsa amarela* (2024 [1976]), a escritora descreve a história de uma menina chamada Rachel, que, dentro de seu núcleo familiar, sofre uma constante opressão de seus sentimentos, e em vista disso passa a ter três grandes vontades, sendo estas a de ser gente grande, a de ser escritora e a de ser um menino. Conforme essas vontades “crescem” dentro da garota, ela passa a guardá-las dentro de uma bolsa amarela, que é vista pela personagem como um refúgio a fim de que ela possa esconder suas angústias e receios, uma vez que ela não tem com quem possa compartilhá-los.

Portanto, o principal objetivo deste trabalho é analisar os três desejos de Rachel e compreender de quais formas o ambiente familiar, juntamente com o sistema de opressões no qual ela encontra-se inserida, podem influenciar no surgimento destas vontades na personagem.

Materiais e métodos

Para a realização desta pesquisa, discorreu-se da análise de alguns trechos da obra *A bolsa amarela* (2024), de Lygia Bojunga, que explicitam as repressões sofridas por Rachel por meio de sua família, principalmente diante de figuras masculinas do seu núcleo familiar, devido ao fato da personagem ser uma criança e ser do sexo feminino. Para uma melhor discussão desta obra, realizou-se a análise de alguns trechos que demonstram as opressões vivenciadas pela personagem. Para complementar a discussão, discorreu-se de trabalhos de outros autores na literatura, que também realizaram a análise do referido livro.

Resultados e Discussão

A primeira vontade de Rachel caracteriza-se pela “[...] vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança [...]” (Bojunga, 2024, p. 9). Em diversos trechos da obra fica perceptível o quanto a personagem encontra-se frustrada por não ser “gente grande”, pois, para Rachel, apenas ao ser adulta será possível sair do ambiente familiar que a inviabiliza e anula a sua autonomia. Pode-se observar que os pais autoritários de Rachel estão sempre ditando à garota atitudes e comportamentos que ela não deseja assumir.

Em determinado momento da história, em um almoço de família, a personagem é obrigada a dançar e a cantar por seus pais aos seus tios, sem que possa ter direito de escolher se quer ou não realizar determinadas ações.

[...] Eu tava com vontade de tudo, menos de cantar. [...] Então cantei. [...] Mas foi só eu acabar eles disseram: — Agora dança aquela dancinha que outro dia você dançou lá em casa. Ficaram todos me olhando. Olhei pro meu pai para ver se me salvava. Mas ele mandou recado de olho dizendo: — dança logo, menina! [...] (Bojunga, 2024, p. 70).

Esse silenciamento infantil no qual Rachel está exposta é uma realidade comum de muitas crianças, pois, segundo Freitas (2018), “[...] a sociedade ainda não lida com total clareza sobre o que é ser criança [...]” (2018, p. 221), e essa concepção é reforçada por Priori (1999), que define que a sociedade enxerga a infância como um período em que a criança não possui expressão.

Em relação a vontade da personagem de ser escritora, Rachel percebe que ao escrever é possível construir uma realidade paralela no qual ela vive, fugindo do mundo real e se amparando em sua imaginação. Desta forma, ela cria personagens contestadores em suas histórias repletas de metáforas, que a ajudam a fugir da repressão familiar, além de serem postos no papel de amigos e conselheiros da personagem, dado que esta não recebe a atenção devida por parte de seus familiares, assim como também não possui amigos.

No entanto, a partir do momento que Rachel escreve as suas histórias, ela é repreendida por seu irmão mais velho, que debocha de sua escrita e repreende-a para que “pare de gastar tempo com tanta bobagem” (Bojunga, 2024, p. 18). Do mesmo modo, é possível perceber que seus familiares – principalmente as figuras masculinas – veem as suas histórias sob um ponto de vista zombeteiro, conforme elucidado no trecho a seguir:

[...] — Quando eu voltei do cinema encontrei todo mundo rindo da minha história. Era um tal de fazer piada de galo, de galinha, de galinheiro que não acabava mais. E o pior é que eles não estavam rindo só da história: **tavam rindo de mim também, e das coisas que eu pensava** (Bojunga, 2024, p. 23, grifo nosso).

Deste modo, Lygia Bojunga aproveita-se desta vontade da personagem de escrever para realizar uma crítica a ausência de autorias femininas no cânone literário brasileiro, silenciamento este que se faz presente de forma significativa na literatura feminina. Conforme Bonnici (2007), “o patriarcalismo se manifesta no cânone literário ocidental abrangendo o século 18 e o início do século 20, com predominância de autores masculinos e a exclusão de obras literárias escritas por mulheres” (p. 198). Batisttam e Marins (2021) complementam a afirmação, dizendo que “o cânone literário é ocupado por uma parcela maior de homens” (p. 145). Ou seja, muitos autores conquistaram um espaço de destaque, diferente de muitas autoras que nem se quer tiveram o acesso a esse mesmo espaço (Oliveira e Oliveira, 2010), e isso é o que Bojunga busca questionar, ainda que de maneira implícita.

Por fim, o último desejo de Rachel é o de ser um menino. Este desejo se fortalece e aumenta conforme ela percebe uma desvalorização enquanto mulher na sociedade. Para a personagem, ser um garoto é muito mais interessante, uma

vez que, ao ser menina, ela não compartilhará dos mesmos direitos que um homem. No trecho a seguir, por meio de um diálogo com seu irmão, percebe-se a indignação da garota em relação a imposição de papéis sociais.

[...] Porque acho muito melhor ser homem do que mulher ... vocês podem um monte de coisas que a gente não pode... lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe para as brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também [...] (Bojunga, 2024, p. 16-17).

Esta imposição de papéis sociais é fortemente influenciada, ainda na infância. Por diversas vezes, as brincadeiras que são ditadas para o gênero feminino dispõem de atividades que remetem o cuidado do lar, dos filhos e do matrimônio. Enquanto que, as brincadeiras voltadas para o gênero masculino geralmente são aquelas que remetem o uso da força, como jogar bola, brincar de guerra ou de lutar. Sendo assim, fica visível a relação hierárquica, uma vez que, os próprios meninos compreendem que a eles pertence o poder e, desta forma, mantem-se a reprodução do patriarcalismo na sociedade, intensificando assim um cenário de desigualdades (Cabral e Diaz, 1988).

Tendo em vista a consideração feita, é possível observar uma crítica de Lygia Bojunga em relação a influência patriarcal na sociedade feminina. No decorrer de toda a sua obra, a autora demonstra por meio de alguns trechos o quanto o patriarcalismo se alastra na vivência das mulheres, que por vezes, acabam naturalizando este sistema e reproduzindo-o em seu dia a dia. Sendo assim, observando o comportamento das mulheres em seu entorno, Rachel percebe a desvalorização do papel feminino e passa a desejar ser um garoto.

Considerações finais

Por meio da análise dos trechos da obra, foi possível compreender como o patriarcalismo oferece uma forte influência na vida das mulheres. Por ser criança e uma figura feminina, a repressão sofrida por Rachel é intensificada, o que a faz questionar sobre de quais formas ela pode se impor as determinações deste sistema. Em seu primeiro desejo, Rachel busca crescer, pois compreende que, enquanto criança e mulher, dificilmente poderá ser ouvida e opor-se ao silenciamento em que está exposta. Ao analisarmos o desejo de ser escritora,

percebemos que este se intensifica à medida que a personagem se sente sozinha, pois ela utiliza de sua escrita como um instrumento de refúgio a sua solidão. Sendo assim, criar histórias foi a forma encontrada pela personagem para desabafar suas angústias, pois nessa realidade paralela as suas personagens representam de forma metafórica o desejo de mudança. Por último, o desejo de ser garoto surge pelo fato de a personagem acreditar que enquanto mulher ela está inviabilizada de desfrutar de seus direitos, ou seja, não poderá realizar boa parte deles, visto que, segundo o sistema patriarcal, a mulher ainda é inferiorizada pela figura masculina.

Referências

BATISTTAM, Laura Pinhata; MARINS, Líliam Cristina. Mulheres e(m) silenciamento: desnaturalizando supressões da escrita poética de Lola Ridge. **Caderno Seminal**, n. 38, p. 381-415, 2021.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Casa Ligia Bojunga, 2024.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

CABRAL, Francisco; DIAZ, Margarita. Relações de gênero. *In*: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte: Fundação ODEBRECHT. **Cadernos Afetividade e Sexualidade na Educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Róna, 1998, p. 142–150.

FREITAS, Clarisse Paiva. Silenciamento infantil de cada dia – os irmãos Baudelaire fora da ficção. *In*: **Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários**, 15, 2018. Fortaleza – CE: UFC, 2018, p. 218-228.

OLIVEIRA, Luciana Santos de; OLIVEIRA, Luciano Amaral. O silenciamento literário das mulheres brasileiras. **Interdisciplinar**. v. 10, p. 145-150, 2010.

PRIORI, Mary Del. **Histórias de crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

SOUZA, Lizandra Lima de. **A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga Nunes, sob a crítica feminista: Propostas de letramento literário para o Ensino Fundamental II**. 2019. 102f. Dissertação (Mestrado) – Curso do Programa de Pós graduação Interdisciplinar em História e Letras, Faculdade de Educação, Ciência e Letras do Sertão Central, Quixadá, Ceará, 2019. Disponível em: <<https://www.uece.br/mihl/wp-content/uploads/sites/66/2021/04/dissertacaolizandralimadesouza.pdf>>. Acesso em 16 de maio de 2024.